

ARTES CÊNICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS INCLUSIVOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Performing Arts in the Teaching and Learning Process of Inclusive Students in the context of education

<https://orcid.org/0009-0009-9478-6713>  Vinício Noda 1^A

<https://orcid.org/0000-0002-9482-2042>  Leila Pessoa da Costa 2^B

^A Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

^B Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil

Correspondência: Vinício Noda (vinicionoda@gmail.com)

Resumo

Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa de mestrado que objetivou descrever a importância da Arte, especialmente dos jogos teatrais, como uma possibilidade de promover o ensino e a aprendizagem de crianças pequenas (de 4 a 5 anos e 11 meses) com Transtorno do Espectro Autista – TEA, tendo como referência o trabalho de Spolin (2005). Neste recorte, descrevemos a relevância dos jogos teatrais nas artes cênicas e de suas potencialidades e possibilidades no processo de ensino e de aprendizagem de crianças com TEA. Trata-se de um estudo bibliográfico que apresenta resultados de pesquisas que foram realizadas acerca do tema e evidencia que os jogos teatrais demonstraram ser um meio eficaz de engajamento, desenvolvimento de habilidades sociais, de comunicação e promoção do autoconhecimento para crianças com TEA, tendo em vista que a prática teatral oportuniza um ambiente seguro e criativo no qual essas crianças podem explorar suas capacidades e interagir com seus pares de diferentes formas. Outro resultado importante é que a arte e o teatro, assim como o brincar são atividades essenciais para as crianças e deve ser considerada no processo formativo dos professores para que tenham condições de promover práticas pedagógicas mais inclusivas.

Palavras-chave: Educação Básica; Educação Infantil; Educação Inclusiva; Jogos teatrais; Jogos Dramáticos.

Abstract

This work is an excerpt from a master's research project that aimed to describe the importance of Art, especially theatrical games, as a possibility to promote teaching and learning for young children (aged 4 to 5 years and 11 months) with Disorder of the Autistic Spectrum – ASD, using the work of Spolin (2005) as a reference. In this section, we describe the relevance of theatrical games in the performing arts and their potential and possibilities in the teaching and learning process of children with ASD. This is a bibliographic study that presents results of research that were carried out on the topic and shows that theatrical games have proven to be an effective means of engagement, development of social skills, communication and promotion of self-knowledge for children with ASD, taking into account since theatrical practice provides a safe and creative environment in which these children can explore their capabilities and interact with their peers in different ways. Another important result is that art and theater, as well as playing, are essential activities for children and must be considered in the teacher training process so that they are able to promote more inclusive pedagogical practices.



Keywords: Basic Education; Early Childhood Education; Inclusive Education; Theater Games; Dramatic Games.

Introdução

*Educação é um ato de amor; por isso, um ato de
coragem.*

Paulo Freire

A formação profissional nas artes cênicas são um conjunto de diferentes abordagens artísticas que incluem a atuação, a dança, o teatro, a ópera e outras formas de expressão performáticas atreladas a educação, podem promover mudanças significativas na vida dos educandos. Desta forma, este estudo é um recorte da dissertação de mestrado do primeiro autor, orientada pela segunda autora e intitulada: “As artes cênicas no processo de ensino e de aprendizagem: uma perspectiva inclusiva para alunos com transtorno do espectro autista” e abordará o teatro acessível na educação, cujo objetivo foi o de discutir a importância das Artes Cênicas, especialmente dos jogos teatrais, como uma possibilidade de promover o ensino e a aprendizagem de crianças pequenas (de 4 a 5 anos e 11 meses) com TEA em classes regulares na Educação Infantil numa perspectiva inclusiva.

Este estudo, explorou as artes cênicas e sua relação com a educação especial e inclusiva, abordando a utilização do teatro, em especial dos jogos dramáticos, como uma possibilidade de inclusão escolar para alunos da Educação Infantil com TEA, resgatando algumas experiências profissionais já desenvolvidas com esse público-alvo em consonância com o que está proposto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) no campo de experiência “corpo, gestos e movimentos”.

As artes cênicas, em especial o teatro, podem ser um recurso potencializador, para que o processo de inclusão se efetive de forma integral e compreendemos que este tema enfrenta desafios complexos e interligados, que exigem uma abordagem integrada e inovadora, visto que o teatro acessível, voltado para a inclusão de pessoas com deficiência, tem como um elemento essencial o corpo, já que é através dele que os artistas se expressam e transmitem emoções e ideias. Seu desenvolvimento é resultado não só da evolução histórica das artes performáticas ao longo dos séculos, mas também de diferentes concepções culturais, cuja compreensão é fundamental para sua apreciação e prática.

Consideramos ainda, a necessidade de competências específicas dos profissionais para utilizarem esse recurso, visto ser necessário que os profissionais dominem não apenas as técnicas tradicionais do teatro, mas também compreendam e atendam às necessidades de um público diverso. Isso se reflete igualmente na educação, na qual os profissionais devem ser

capazes de adaptar e promover práticas pedagógicas inclusivas visando garantir a inclusão de todos os alunos.

A inclusão no teatro acessível, na perspectiva da educação, não se restringe à adaptação física dos espaços ou à tradução de conteúdo, mas envolve a criação de um ambiente inclusivo em que as diferenças são valorizadas e viabilizar a todos os participantes a oportunidade de contribuírem e expressarem sua arte de diferentes formas.

É importante contextualizar que a arte, como uma área do conhecimento, foi reconhecida pela Lei nº 13.415/2017, que alterou a LDB (BRASIL, 1996) ao incluir no art. 26, parágrafo 2º que “o ensino da arte especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”, evidenciando o reconhecimento da importância da arte na formação integral dos estudantes como um meio de expressão, criação, compreensão e apreciação da cultura e das diferentes linguagens artísticas.

A prática cultural e a arte podem servir como complemento às diversas formas de desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento, como observado por Osinski (2002, p. 30) quando diz que:

A ideia da arte como conhecimento científico foi reforçada pela contribuição de teóricos como Leon Batista Alberti, que foi o primeiro a considerar a matemática como a base comum da arte e das ciências, justificando esse pensamento com as teorias das proporções e da perspectiva. Já nos tratados de Leonardo da Vinci, a relação da arte com os estudos da natureza substituiu a velha orientação medieval tradicionalista de imitação dos mestres, orientando para uma iminente mudança dos processos pedagógicos. O ensino da arte, doravante, teria de contemplar também a instrução teórica, transferindo-se, dessa maneira, das oficinas para a escola (OSINSKI, 2002, p. 30).

Assim, as atividades de teatro desenvolvidas na escola podem contribuir com o desenvolvimento global, cognitivo, psicomotor e afetivo dos alunos, quando pensadas e planejadas de forma intencional e ainda contribuir para a inclusão de alunos, desde que as proposições sejam contextualizadas no tempo e no espaço e alinhadas às necessidades de cada um deles e para tal, é essencial que os profissionais tenham conhecimento sobre teatro, acessibilidade e inclusão.

Outra condição para que o teatro possa funcionar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem, é empreender um trabalho integrado e colaborativo, para que o processo de inclusão escolar ocorra respeitando as necessidades e habilidades individuais dos alunos e um dos principais desafios na formação desses profissionais é a integração de conteúdos sobre acessibilidade e inclusão nos currículos tradicionais, e observamos ainda, que

muitas escolas e academias de teatro e educação não oferecem cursos específicos sobre esses temas, resultando em uma preparação inadequada para futuros profissionais. Observamos ainda, que a resistência cultural e institucional à mudança também pode ser um obstáculo, uma vez que muitos setores ainda operam sob paradigmas que não priorizam a inclusão.

Assim posto, neste trabalho discutiremos sobre o uso de jogos teatrais propostos pelas artes cênicas e suas potencialidades para a inclusão escolar.

Jogos teatrais nas artes cênicas: Potencialidades e possibilidades para inclusão escolar

A arte cênica é a ciência que abrange os estudos e as práticas de toda forma de expressão de arte apresentada aos espectadores mediante uma representação. Segundo Lopes (2022), o teatro se divide em cinco gêneros: trágico, dramático, cômico, musical e dança, e se une às outras artes, como a música, dança, o circo ou qualquer outra manifestação cultural, práticas e formas de expressão que atuam de modo indissociável, tendo em vista que:

O teatro e as artes, são concebidos como linguagens, como sistemas semióticos de representação especificamente humanos. Trata-se de estudar a complexidade das linguagens artísticas e suas especificidades estético-comunicacionais como sistema arbitrário e convencional de signos. Destaca-se a necessidade de apropriação pelo aluno das linguagens artísticas, instrumentos poderosos de comunicação, leitura e compreensão da realidade humana (JAPIASSU, 2012, p. 30).

Nessa perspectiva, o uso de jogos teatrais, no contexto das artes cênicas, apresenta uma abordagem que pode ser eficaz na promoção da inclusão escolar no ambiente educacional, tendo em vista que proporciona uma experiência de aprendizagem que valoriza o sujeito e respeita a diversidade existente em uma sala de aula, pois envolvem os estudantes em atividades práticas e colaborativas, pode contribuir com o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas em que todos os alunos, independentemente de suas capacidades ou necessidades, podem participar ativamente e de forma significativa.

O teatro envolve práticas de expressão e interação numa linguagem passível de contribuir no processo de inclusão, pois permite que os alunos explorem e entendam melhores suas próprias capacidades físicas e emocionais, não só ao olhar para si mesmo e ter maior consciência corporal ao se reconhecer e experimentar suas limitações, bem como olhar para o outro, contribuindo para desenvolver valores como respeito, confiança, autoconfiança, formação do caráter, a sensibilidade e a humanidade.

Essa auto exploração é fundamental para que os alunos compreendam suas potencialidade e aceitem suas limitações, promovendo o autoconhecimento e a autoconfiança,

pois coloca os alunos em situações que precisam ter um olhar mais acolhedor para os outros, reconhecendo e valorizando as diferenças individuais numa prática humanizada que envolve a expressão e a compreensão de uma vasta gama de emoções e diferentes situações do dia a dia, o que inclui ainda aprender a confiar uns nos outros e a desenvolver relações baseadas no respeito mútuo, contribuindo para a formação de um caráter mais solidário, essencial para uma convivência inclusiva e formação integral que forme para a escola e para a vida.

Nesta perspectiva, Ferreira e Falkembach (2012, p. 40), afirmam que:

O teatro é uma linguagem espaço-temporal, um acontecimento que se dá entre pessoas em um espaço-tempo definido e que, como esse espaço é ocupado, tanto por atores como por espectadores, é definitivo na relação construída entre eles. A forma como os espectadores relacionam-se com um espetáculo ou performance cênica na rua é diferente do modo como se relacionam com um espetáculo em uma sala fechada (FERREIRA; FALKEMBACH, 2012, p. 40).

Desta forma, o teatro, ao estimular o conhecimento do aluno sobre seu corpo, possibilita também promover sua desenvoltura, além de outras possibilidades de comunicação, ampliando a consciência individual e social, contribuindo para sua socialização e possibilidade de inclusão, tendo em vista que a encenação tem o poder de potencializar diferentes habilidades, bem como aprimorar a capacidade mental, assim como as habilidades motoras (locomotoras, estabilizadoras, manipuladoras) e físicas (força, reflexo, agilidade, velocidade, destreza, resistência).

Ao considerarmos a multiculturalidade brasileira, é importante discutirmos o processo de inclusão no ambiente escolar, no qual o teatro pode ser um agente mediador, abrindo espaços para diferentes manifestações e, assim, evidenciando novas perspectivas e oportunidades a partir da arte como referência, potencializando a criatividade e criando condições para que o aluno ressignifique suas vivências. Sobre isso, Vygotsky (2001, p. 236) enfatiza que:

Sem dúvida, a questão da criatividade infantil se resolve no sentido de seu extraordinário valor pedagógico, [...]. Ele sempre ensina a criança a dominar o sistema de suas vivências, a vencê-las e superá-las e, segundo uma excelente expressão, ensina a psique a se elevar. A criança que desenha um cão triunfa, supera-se e eleva-se acima de suas vivências diretas. Nesse sentido, também se transforma em exigência pedagógica fundamental o fato de poder discernir o conteúdo [...], comprovar e examinar as vivências (VYGOTSKY, 2001, p. 236).

Tendo Vygotsky (2001) como referência, Godoy (2014), trata o teatro como arte disseminadora de questões importantes para a sociedade em todos os aspectos, daí seu valor e sua possibilidade de inclusão ao promover diferentes vivências e em sua pesquisa, utilizou o teatro para a inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade e destacou ser ele uma via

possível a ser considerada, visto que assume uma função importante: a de ser libertador na perspectiva freiriana, denominada por Boal (2009) de Teatro do Oprimido, ou seja, quando o tema central das encenações teatrais derivam das vivências dos sujeitos que refletem sobre elas e as transformam para incidir diretamente na melhoria da sua qualidade de vida, num processo dialético de ação-reflexão-ação.

A experiência de Godoy (2014), reafirma que o teatro é uma forma de arte que permite às pessoas explorarem e expressarem suas emoções, pensamentos e experiências de uma maneira única, pois, através da representação de personagens e situações, ele pode estimular a empatia, visto que o público se identifica com as histórias e os desafios dos personagens, promovendo assim uma maior compreensão e conexão com os outros e consigo mesmo, tornando-se então uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento.

Nessa perspectiva, o teatro tem um potencial significativo de promover mudanças pessoais, fazendo com que o indivíduo se insira na sociedade de uma forma diferenciada e ao estimular a sensibilidade e a autorreflexão através da representação de personagens e situações diversas, contribui ainda para que os indivíduos desenvolvam uma maior consciência de si mesmos e dos outros. Esta experiência de introspecção e entendimento das experiências alheias permite que os alunos se conectem de diferentes formas com a sociedade, contribuindo para um comportamento mais inclusivo e humanizado.

Para Boal (1998, p. 11):

Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos espect-atores. (...) Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade

O autor destaca ainda a visão ampla e transformadora do Teatro do Oprimido como uma forma de conhecimento, expressão e empoderamento social, que busca promover a felicidade, o autoconhecimento e a transformação da sociedade, visto que é uma arte muito ampla e possibilita que o ser humano se expresse, demonstre suas emoções e pensamentos.

É preciso considerar ainda, que cada pessoa é e tem em si própria uma memória, uma reserva de experiências, saberes, textos e imagens que são utilizados de diversas formas, e seu principal “[...] material de trabalho é o próprio corpo, que reage, que se abre, que tem memórias, que diz, que é potente e capaz de uma construção de relações” (MONZON, 2015, p. 33).

Nesse contexto, o sujeito é sempre um ser inacabado, que irá se ressignificar, se refazer e reaparecer de acordo com as mudanças da sua vida. O gênero teatral, enquanto uma das linguagens a ser explorada na educação, viabiliza diferentes possibilidades de ensino, e em especial, a de incluir os alunos com TEA, não apenas por ser um direito, mas para manifestarem diferentes formas de expressão humana e consequentemente melhorar a aprendizagem. Para Neves (2006, p. 18) o teatro é:

[...] uma forma de expressão humana capaz de alcançar a todas as pessoas, além de identificarmos expressões artísticas, encontramos, também, atividades educacionais, terapêuticas, de treinamento, capaz de congrega potencialidades que o relacionem a objetivos ligados à aprendizagem, ao comportamento, à cura, ao bem-estar (NEVES, 2006, p. 18).

Ainda para Neves e Santiago (2009, p. 69), as artes podem ser entendidas “[...] como processos de representação simbólica para a comunicação do pensamento e dos sentimentos humanos que representam enorme valor e significam grande importância na formação do educando” e, essa perspectiva, nos possibilita pensar o teatro como atividade pedagógica explorando diferentes formas de expressão que trazem movimentação aos processos afetivos, cognitivos e psicomotores. Ainda na perspectiva do teatro na educação é importante destacar o livro da autora Viola Spolin (2005) que é uma grande influente no campo da improvisação teatral, escreveu "Improvisação para o Teatro" para compartilhar suas técnicas revolucionárias que têm sido aplicadas em teatro, educação e terapia. O livro é um guia para atores, diretores e educadores, oferecendo uma ampla gama de jogos e exercícios de improvisação. A obra está organizada em várias seções que abordam diferentes aspectos da improvisação e técnicas de jogo. Cada seção inclui uma introdução teórica seguida por exercícios práticos que ilustram os conceitos discutidos. Sendo eles: Jogo como Ferramenta de Aprendizagem em que o jogo se torna uma ferramenta essencial para o aprendizado, permitindo que os participantes se envolvam espontaneamente e sem inibições. Os jogos são projetados para liberar a criatividade natural dos atores e desenvolver suas habilidades de improvisação; Foco e Atenção, a autora enfatiza a importância do foco e da atenção na improvisação. Os exercícios são projetados para ajudar os atores a manterem a atenção plena no momento presente e a responderem de forma autêntica aos estímulos ao seu redor; Espontaneidade, Spolin acredita que a espontaneidade é a chave para performances autênticas e envolventes. Ela desenvolveu jogos que incentivam os atores a reagirem de maneira imediata e instintiva, sem julgamento ou censura; Ambiente de Jogo- o ambiente de jogo é crucial para a improvisação. O livro sugere criar um espaço seguro e de apoio onde os atores possam experimentar e correr riscos

sem medo de falhar. Exercícios e Jogos, o livro é repleto de exercícios e jogos específicos, cada um com instruções detalhadas e objetivos claros. Esses jogos variam desde atividades simples para iniciantes até exercícios complexos para atores mais experientes. A autora ainda deixa sugestões de aplicações práticas como: Teatro, os jogos e exercícios são amplamente utilizados em workshops de teatro e em processos de ensaio para desenvolver as habilidades de improvisação dos atores; Educação, educadores utilizam as técnicas de Spolin para fomentar a criatividade, a colaboração e a comunicação em sala de aula. Os jogos são adaptáveis para diferentes faixas etárias e contextos educacionais; Terapia, as técnicas de improvisação também têm sido aplicadas em contextos terapêuticos, ajudando os indivíduos a explorar suas emoções, melhorar a autoestima e desenvolver habilidades sociais. Portanto a "Improvisação para o Teatro" é uma obra fundamental que oferece uma abordagem prática e acessível para a improvisação teatral. As técnicas de Viola Spolin têm influenciado gerações de atores, educadores e terapeutas, destacando a importância do jogo, da espontaneidade e da atenção plena na criação artística.

Assim posto, reconhecemos que o teatro, como um gênero da arte cênica, pode efetivamente contribuir para a inclusão no sistema escolar de crianças, jovens ou adultos com diferentes necessidades, como observaremos a seguir.

Estudos sobre o teatro como ferramenta de inclusão escolar: Contribuições para crianças, jovens e adultos com diferentes necessidades

Um dos desafios para as escolas de educação básica numa perspectiva inclusiva, é o desenvolvimento de práticas pedagógicas que viabilizem a participação dos alunos com deficiência e diferentes necessidades nas atividades propostas. Corroboramos com Anjos, Andrade e Pereira (2009), quando afirmam que isso acontece devido à insuficiência de formação docente na perspectiva da inclusão de forma que possibilite o atendimento de suas diferentes necessidades educacionais.

Além do preparo, Tinti (2016), afirma que a falta de apoio da gestão escolar e a escassez de recursos financeiros que possam suprir a contento as possíveis necessidades materiais para atendimento aos alunos de inclusão, é ainda um dos fatores a serem considerado.

Contudo, observamos alguns estudos que relatam experiências abarcando o uso do teatro na educação inclusiva, nos quais jogos e atividades de cunho teatral se mostram produtores com relação à exploração de conteúdos e valores aliados a diferentes disciplinas.

Slade (1978) defende o uso do teatro como uma abordagem educacional instrumental, ou seja, com objetivos pedagógicos claros e definidos, a qual pode permitir uma conexão significativa com o conteúdo, desenvolvimento de pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração de uma forma prática e contextualizada, tendo em vista sua possibilidade de envolver ativamente os estudantes em situações de aprendizagem, explorando e experimentando diferentes papéis, cenários e histórias.

O trabalho de Forlini (2022), é outro exemplo dessa possibilidade, que utilizou as bases teóricas dos métodos Teatro do Oprimido, Psicodrama Pedagógico e a Improvisação Contemporânea para promover o letramento político de dois grupos de professores ao possibilitar que a democracia pudesse ser vivenciada na prática.

Outro exemplo é o de Bagolan (2017), que a partir de oficinas pedagógicas com jogos de improvisação, estimulou a participação de uma turma de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, com dois alunos inclusos, em três perspectivas: o encontro consigo mesmo, a interação das crianças com o teatro e a aproximação dos alunos com o universo teatral. De acordo com a autora,

O itinerário construído permite assinalar a pertinência da linguagem teatral ser viabilizada por meio dos jogos improvisacionais, provocando o envolvimento dos alunos, com e sem necessidades educacionais especiais, de forma espontânea, com liberdade de agir, criar, improvisar, imaginar. As formas e os níveis de participação, bem como os tensionamentos interativos em relação aos acordos e a própria compreensão daquilo que estava sendo ludicamente construído, foram delineando a configuração processual das oficinas, de tal modo que todos jogaram, a seu modo, como forma de exercitar, no contexto escolar, o encontro consigo mesmos, com o outro e com a própria arte teatral. (BAGOLAN, 2017, p. 9)

O estudo de Sousa (2016), promoveu a prática teatral, tanto para alunos surdos como para alunos ouvintes, de um 8º ano do Ensino Fundamental, no qual a autora utilizou experiências lúdicas, jogos teatrais, tarefas envolvendo leitura e ações dialógicas entre os alunos, que culminou com a encenação de um trecho de uma das obras do autor Ariano Suassuna. De acordo com Sousa (2016), a intenção não foi tornar os alunos exímios atores de teatro, mas sim incorporar esta vertente da arte no cotidiano do ensino, de modo que todos eles pudessem interagir nas atividades teatrais, numa dimensão de troca relacional, reiterando a importância da prática do teatro para fins de inclusão escolar.

A proposta do uso do teatro de Carneiro Neto (2020), desenvolvida com 10 alunos do Ensino Médio com baixa visão, evidenciou que, havendo a orientação adequada, alunos com deficiência visual podem não apenas atuar, mas também participar de todo o processo criativo

de uma peça teatral, o que a literatura chama de carpintaria teatral, que por sua vez é o termo usado para se referir a estrutura básica de uma peça de teatro (LOPES, 2022).

O trabalho desenvolvido por Faria (2015), com alunos deficientes físicos, além de estudantes portadores de transtornos globais do desenvolvimento, com deficiência múltipla e altas habilidades, consistiu na montagem de um espetáculo teatral intitulado “Era uma vez um amor especial” e, a exemplo do que fora visto em Carneiro Neto (2020), Faria (2015), reforça que a elaboração de projetos, sejam eles pedagógicos ou específicos, pode contar com a participação de estudantes com necessidades educacionais especiais como forma de integrar estes discentes em uma prática que possa potencializar neles o sentimento de pertença, ou seja, se sentirem valorizados e reconhecidos em suas identidades e para tal, requer sensibilidade e deve se respeitar as possibilidades de cada um.

Assim, a partir do exemplo de Carneiro Neto (2020), ampliar a participação de alunos especiais em atividades pedagógicas é uma forma de desenvolver não apenas o lado cognitivo e intelectual de cada participante, mas também a integração do todo, com vistas a promover e fortalecer as interações sociais por meio do teatro (FARIA, 2015).

Constatamos que, a partir dessas experiências, a possibilidade do uso do teatro com alunos especiais dividindo o mesmo espaço com os demais alunos é possível e enriquecedor, uma vez que uma das dificuldades observadas no contexto da educação inclusiva é o preconceito e as barreiras culturais presentes nas escolas (ARARIPE, 2012; BAZON, 2009; GUIMARÃES JUNIOR et al., 2022).

Mendes (2006) afirma que alunos especiais podem compartilhar do mesmo espaço com os demais discentes, desde que a escola disponha de recursos que possam facilitar esta interação, pois, como reforça Cordeiro (2016), a responsabilidade em promover uma educação inclusiva não é exclusiva e unicamente do docente, mas deve envolver toda a equipe escolar, desde os colaboradores da limpeza, inspetores até chegar na equipe gestora, e para além dos muros da escola, é uma responsabilidade do poder público, dentre outros profissionais envolvidos.

Outro aspecto importante a se observar é o fato de que, em algumas instituições tanto públicas como privadas, há um professor especialista para ministrar aulas de Artes, seja para a educação infantil seja para o ensino fundamental. Sene (2016) empreendeu um estudo com esses profissionais atuantes na rede estadual paulista de uma cidade do interior, objetivando descrever e analisar a percepção destes profissionais sobre o fazer docente vinculado ao

currículo oficial e os seus desdobramentos. Os dados coletados por Sene (2016) indicam ser desafiador para esses professores ensinar o mesmo conteúdo para alunos especiais e demais estudantes, o que acaba dificultando o ensino de Artes em suas múltiplas facetas para o público-alvo da educação inclusiva. A pesquisa do autor demonstrou, ainda, que cada docente faz a sua própria interpretação do currículo aliada a seus conhecimentos adquiridos, tendo em vista que a Arte abrange, como vimos, diferentes linguagens e nem todas presentes e em profundidade na formação recebida por esses profissionais, dificultando lidar com alunos que integram o público-alvo da educação inclusiva. Além disso, prevalece uma visão tradicional de ensino na forma de avaliar os alunos, como veremos mais adiante.

Semelhantemente ao que foi visto na pesquisa empreendida por Sene (2016), o estudo de Silva (2013), investigou o currículo da educação básica proposto para o ensino de Teatro em escolas municipais de Recife, em Pernambuco, comparando o que é proposto no currículo das escolas recifenses com o observado nas práticas de aprendizagem. Embora o currículo do ensino de teatro traga em seu teor concepções críticas e pós-críticas, a prática demonstra que a realização de atividades teatrais tem uma relevância menor do que o que se vê em atividades de outras disciplinas (SILVA, 2016), além da ausência de alinhamento entre o que os currículos apregoam e o que se observa nas práticas pedagógicas.

Essa dificuldade dos docentes em lidarem adequadamente com os alunos especiais é também observada em outros contextos, tendo em vista a ausência na formação inicial, em especial dos que atuam na educação infantil, de um maior aprofundamento nessa área de conhecimento e nas possibilidades de sua inserção no processo de inclusão. Com isso, por vezes, os professores acabam não utilizando o teatro como possibilidade de inclusão, o que pode resultar em práticas improvisadas de ensino, as quais nem sempre geram os resultados pretendidos (ANJOS; ANDRADE; PEREIRA, 2009).

Outro aspecto observado na pesquisa de Sene (2016), diz respeito ao modo como se avalia os alunos nas atividades que envolvem as práticas teatrais. O autor, aponta que se considerarmos que avaliar é comparar o resultado entre o que foi proposto e o que foi verificado podemos constatar uma discrepância muito grande entre esses dois aspectos, além de desconsiderarmos o processo que gerou o resultado obtido.

Devemos considerar que a avaliação, no processo de inclusão, deve considerar que os alunos especiais possuem um ritmo diferenciado de aprendizagem (LEONEL; LEONARDO, 2014), e de acordo com Zabala (1998), esse processo deve ser mais global, não tão atrelado a

práticas mais tradicionais que enfocam apenas o conteúdo, mas sim avaliar o aluno num contexto mais holístico, por meio de suas atitudes, como o processo empreendido por Sene (2016).

Assim, para além da possibilidade de avaliar e do cuidado no processo de avaliação, acreditamos que uma forma de promover uma interação maior entre os alunos, a partir das experiências relatadas, sejam eles atendidos ou não pela educação inclusiva, é o ensino do teatro numa perspectiva mais lúdica e intencional, buscando ampliar a interação social entre os alunos em geral, independentemente de sua condição.

Além destes estudos aqui descritos, a literatura científica também evidencia a presença de estudos que são focalizados na utilização do teatro especialmente com vistas à inclusão de pessoas com TEA. Uma destas produções é da autoria de Fernandes (2022), cujo enfoque se deu no uso do teatro com crianças que integram o 1º ano do Ciclo do Ensino Básico no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal. Fernandes (2022), explana que a observação se deu sobre uma aluna com TEA, sendo que as dinâmicas teatrais foram praticadas a fim de promover melhorias na comunicação dessa aluna e pôde-se comprovar que o Programa de Expressão Dramática e Teatral criado por ela conseguiu atingir os objetivos pretendidos. Esta constatação foi possível por meio dos resultados alcançados pela autora, os quais não somente abarcam os progressos na dimensão comunicacional da criança com TEA observada neste estudo, como também melhorias atinentes à socialização com os demais colegas de turma.

A literatura denomina a pedagogia de teatro como um recurso pedagógico profícuo ao respeitar a diversidade cultural de seus respectivos participantes (PEREIRA, 2022) e o projeto de Leite (2022), nesta perspectiva, intitulado Capacitação Inclusiva, foi desenvolvido na Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Guarujá, com vistas a promover cultura e arte no referido município, além de trabalhar a inclusão de pessoas com deficiência.

Consoante Fernandes (2022), ao se trabalhar a pedagogia de teatro para fins inclusivos, busca-se propiciar aos aprendentes autistas: o contato com a aprendizagem estética, a qual é viabilizada pela pedagogia de teatro; aprimorar a formação de alunos autistas com o dialogismo entre arte e educação e, expandir a cultura desses estudantes por meio da sua participação em atividades artísticas e além do teatro, a autora relata a presença de outras vertentes da arte, como, por exemplo, a prática de desenhos lúdicos.

Além desses estudos, a pesquisa de Calafat-Selma, Sanz-Cervara e Tárraga-Mínguez (2016), trata do programa denominado como VINELAND-II, o qual é voltado para

intervenção baseado no teatro para crianças autistas e se mostrou promissor no desenvolvimento cognitivo e social destas crianças.

No trabalho de Borioni (2020), o teatro é apontado como uma possibilidade otimizada de tratamento para o autismo, mais precisamente no que tange à suplantação de dificuldades no campo da socialização, expressão e comunicação, objetivo este que se torna possível de ser alcançado com oficinas terapêuticas para a melhoria da qualidade de vida da criança com autismo.

Montserrat, Lisbeth e Zambrano (2022), apresentam o teatro como forma de melhorar aspectos que em regra costumam ser deficitários numa criança autista, como, por exemplo, interação social, comunicação e linguagem. A amostra foi de 8 crianças de um centro educacional, e o estudo desenvolvido foi do tipo longitudinal. Após a realização das atividades, foi possível notar avanços nas habilidades de linguagem, de fazer amizades, bem como na melhoria da comunicação com seus pares e com adultos.

Encontramos ainda o trabalho de Santos et al. (2020) e Nascimento (2022), que utilizam jogos, mas não com o enfoque teatral e sim para fins de viabilização do aprendizado em determinadas áreas do saber, como a Matemática para alunos autistas e ainda, o estudo de Silva (2020), que destaca a questão dos jogos teatrais e dramáticos na educação, mas sem focalizar na questão do autismo.

É necessário pontuar que nem todas as pesquisas aqui evidenciadas fazem menção aos conhecimentos de Spolin (2005), cuja obra é essencial para se trabalhar as questões atinentes aos jogos teatrais, mas buscamos compreender os fundamentos e os requisitos necessários para a prática de jogos teatrais, numa perspectiva de tornar os alunos autistas mais aptos a desenvolverem suas capacidades cognitivas, sociais e comportamentais, como evidenciado nos estudos pesquisados.

Algumas Considerações

Considerando que o componente curricular relativo a arte contempla as artes visuais, a dança, a música e o teatro, que se utilizam dos elementos visuais, sonoros, expressão facial, corporal, dinamismo e versatilidade, entre linguagem verbal e não verbal, acreditamos que elas podem auxiliar no processo de inclusão, pois não existem limitações que possam ser consideradas obstáculos para a produção, visto serem linguagens que articulam saberes referentes a fenômenos artísticos e envolvem diversos códigos, diferentes habilidades e

percepções estéticas, sensibilidade, intuição, pensamento, as emoções e as subjetividades como formas de expressões.

Os jogos teatrais, a partir da exploração do próprio corpo como uma forma diversificada de expressão e comunicação, são uma linguagem poderosa para desenvolver habilidades como a criatividade, a imaginação, a concentração, o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças com vistas à promoção do crescimento de indivíduos autônomos e atuantes na sociedade.

Neste estudo, nos amparamos nos teóricos que discutem essa possibilidade, tanto do ponto de vista da Arte quanto das experiências pedagógicas desenvolvidas e constatamos a relevância dos jogos teatrais como ferramentas eficazes de inclusão, ao promoverem o engajamento, o desenvolvimento de habilidades sociais e a promoção do autoconhecimento para crianças com TEA, tendo em vista que a prática teatral oportuniza um ambiente seguro e criativo no qual essas crianças podem explorar suas capacidades e interagir com seus pares de diferentes formas.

Os resultados deste estudo, evidenciaram ainda que o teatro como ferramenta de inclusão escolar pode potencializar a aprendizagem de crianças, jovens e adultos com diferentes necessidades, pois, o teatro, por sua natureza interativa e expressiva, facilita o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, promovendo a inclusão e o engajamento de todos os alunos.

Observamos ainda que através de práticas teatrais, há uma melhoria na autoestima, na empatia e na cooperação entre os estudantes, independentemente de suas necessidades específicas e as evidências coletadas ao longo deste estudo indicam que a inclusão de atividades teatrais no currículo escolar pode transformar o ambiente educacional, tornando-o mais acolhedor e inclusivo.

Além disso, os jogos teatrais permitem que os alunos experimentem diferentes perspectivas, ampliando sua compreensão do mundo e de si mesmos. Para futuros trabalhos, é essencial continuar investigando e documentando as diversas maneiras pelas quais o teatro pode ser utilizado como uma ferramenta educativa inclusiva e a colaboração entre educadores, artistas e pesquisadores é fundamental para desenvolver metodologias e práticas pedagógicas eficazes e acessíveis a todos os contextos escolares.

Acreditamos que assim, será possível garantir que cada aluno tenha a oportunidade de participar plenamente e de desenvolver seu potencial máximo através da arte teatral.

Referências

- ANJOS, Hildete Pereira; ANDRADE, Emmanuele Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso. *Revista Brasileira de Educação*, v.14, n.40, p. 116–129, 2009.
- ARARIPE, Natalie Brito. A atuação do acompanhante terapêutico no processo de inclusão escolar. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- BAGOLAN, Ana Catharina Urbano Martins de Sousa. O ensino de teatro e a inclusão escolar: o jogo improvisacional nos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- BAZON, Fernanda Vilhena Mafra. As mútuas influências, família-escola, na inclusão escolar de crianças com deficiência visual. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122009-102937/publico/Fernanda_Vilhena_Madra_Bazon.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 9-11.
- _____. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BORIONI, Mariana Eliana Gutierrez. Teatro y autismo em Córdoba: herramientas teatrales destinadas a niños, niñas y jóvenes con autismo. *INVESTIGA+*, v.3, n.3, p.210 – 222, 2020. Disponível em: <https://revistas.upc.edu.ar/investiga-mas/article/view/56/165>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília - 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília – DF, 1996.
- CALAFAT-SELMA, Mireia; SANZ-CERVERA, Pau; TÁRRAGA-MÍNGUEZ, Raúl. El teatro como herramienta de intervención en alumnos con trastorno del espectro autista y discapacidad intelectual. *Revista Nacional e Internacional de Educación Inclusiva*, v.9, n.6, p.95 – 108, 2016.
- CARNEIRO NETO, Franklin José. Oficina inclusiva de teatro e educação para alunos com deficiência visual do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.
- CORDEIRO, Karla Cíbele Barbosa. A inclusão de alunos deficientes na Escola Estadual X na cidade de Manaus. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2017/07/Karla-Cybele.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- FARIA, Patricia Mesquita Viana de. Era uma vez um amor especial: Um delicado processo pedagógico de ensino de Teatro para alunos com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro, 2015.

FERNANDES, Laura Sofia Cavaleiro. A expressão dramática/teatro e o aluno com necessidades educativas específicas: estudo de caso sobre autismo e comunicação em contexto de AEC no 1º CEB. Dissertação (Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo – Motor). Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, 2022.

FERREIRA, Tais; FALKEMBACH, Maria Fonseca. Teatro e dança nos anos Iniciais. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FORLINI, Danilo Basile. Teatróloga: improvisação e teatro como possibilidades metodológicas na educação para a democracia. Araraquara. 2022. p. 232. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217907> Acesso em: 29 jun. 2024.

GODOY, Marcio Esdras. O teatro como instrumento de sensibilização ambiental: uma experiência de produção teatral da peça “Na Floresta”. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

GUIMARÃES JUNIOR, José Carlos. et al. Formação de professores para a educação básica numa perspectiva inclusiva de ensino: percepções e reflexões com base na literatura científica nacional. Research, Society and Development, v.11, n.10, p. 1 – 10, 2022.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Metodologia do ensino de teatro. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEITE, Nicholas Belem. As palavras que ouçam: uma reflexão sobre a linguagem do Projeto <> e a prática artístico-pedagógica como forma de invenção. Ferramentario, v.16, n.1, p.148 – 163, 2022.

LEONEL, Waléria Henrique dos Santos; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. Concepções de professores da educação especial (APAEs) sobre a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual: um estudo a partir da teoria vigostkiana. Revista Brasileira de Educação Especial, v.20, p. 541 – 554, 2014.

LOPES, Patrícia. Arte Cênica. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/arte-cenica.htm>. Acesso em: 29 jun. 2024.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Revista Brasileira de Educação [online]. 2006, v. 11, n. 33 , pp. 387- 405. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300002>. Acesso em: 29 jun. 2024.

MONTSERRAT, Piloza Flores Jacqueline; LISBETH, Vera Palay Zoila; ZAMBRANO, Arturo Damián Rodríguez. El teatro como estrategia de estimulación temprana para el desarrollo de habilidades sociales en niños con autismo. Ciencia Latina, v.6, n.6, p.10278 – 10303, 2022.

MONZON, Ana Carolina Borges. Dramaturgia do ator: vivências, experiências e construção de sentido a partir de diferentes materiais. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2015.

NASCIMENTO, João Pedro Oliveira do. O uso de jogos durante o atendimento educacional especializado em estudantes com transtorno do espectro. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022.

NEVES, Libéria Rodrigues. O USO DOS JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO: uma prática pedagógica & uma prática subjetiva. 2006. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de

Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Geraí, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85TQGF/1/1000000613.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia Baptista. O uso dos Jogos Teatrais na Educação. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

OSINSK, Dulce. Arte, história e ensino: uma trajetória. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, Rosenilde Oliveira. Teatro em perspectiva antirracista e o ensino/aprendizagem com surdos e surdas: sinalizações afrodiaspóricas, caminhos ancestrais. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022

SANTOS, Josely Alves. et al. Pessoas com transtorno do espectro autista e a utilização dos jogos no processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Revista Valore, v.5, p.135 – 152, 2020.

SENE, Marta Regina. Aulas de arte: reflexões sobre currículo, docência, criatividade e a escola inclusiva. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/145010>. Acesso em: 29 jun. 2024.

SILVA, Ana Lucia Ribeiro. O Jogo Teatral e a Inclusão dos Portadores de Deficiências. VI Colóquio Educação E Contemporaneidade, 2013.

SILVA, Talita Pereira da. A Linguagem teatral na educação infantil: entre o gesto da criança e a solicitação do espetáculo. Dissertação (Mestrado). Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2016.

SILVA, Pedro Henrique Ferreira da. O fazer cênico no centro de ensino especial: possibilidades de criação com os jogos dramáticos e com os jogos teatrais. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SOUSA, Liliane Alves de. O ensino do teatro na escola pública: uma experiência inclusiva para surdos (estudo de caso). Dissertação (Mestrado Profissional em Artes). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil, Tradução: Tatiana Belinky. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. 4ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TINTI, Marcela Corrêa. Desenvolvimento profissional docente em uma perspectiva colaborativa: a inclusão escolar, as tecnologias e a prática pedagógica. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 236.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: Como educar. Porto Alegre, 1998.